Almas do Purgatório

Raymundo relata a experiência de ter conversado com almas que padecem no Purgatório. “Acreditem, tive uma experiência incrível. Vi diante de mim almas de pessoas que tinham vivido na Terra e estavam pagando por seus pecados no local que chamamos de Purgatório”.
24 de fevereiro de 2009

Acreditem, tive uma experiência incrível. Vi diante de mim almas de pessoas que tinham vivido na Terra e estavam pagando por seus pecados no local que chamamos de Purgatório.
Não eram pecados que consideramos graves ou capitais e que requerem uma punição maior, mas pecados que nos parecem leves, desses que cometemos no nosso dia-a-dia, sem nos darmos conta de que estamos ofendendo a Deus.
Vi Nossa Senhora resgatando uma alma e pedindo a ela, naquele momento, que se arrependesse de um delito de falta de amor a Deus, e de não ter feito a sua vontade. Essa alma se arrependeu e foi salva.
Sob a inspiração da doce e serena Senhora, fiz uma oração pelas almas do Purgatório para ser rezada nas Missas dominicais da Capela Magnificat, mas que poderá também ser

rezada em todas as igrejas.
Essa experiência me levou a dar uma importância enorme a essa oração. Por isso peço a todos que a rezem nas Missas (durante, antes ou depois), porque ela tira realmente almas do tormento do Purgatório.
Essas pessoas podem ser nossas amigas, parentes, ou podem nos ser desconhecidas, mas são almas que viveram na Terra e necessitam das nossas orações.
Vivemos num mundo globalizado, onde o racionalismo toma conta de tudo, e não crer numa coisa dessas nos leva com certeza pelos caminhos da descrença na vida após a morte.
Acreditem, essas almas necessitam de nós. Façam uma experiência e sintam na pele a paz de um dever cumprido, de acreditar na vida eterna, de acreditar na misericórdia divina e acreditar que a Mãe de Jesus é uma das mais importantes pontes entre nós e Deus.

Referência: LOPES, Raymundo. Almas do Purgatório. In: LEMBI, Francisco. **Raymundo Lopes, Daniel:** Uma incógnita dos finais dos tempos. Belo Horizonte: Magnificat, 2010. p. 76.